

ENTRE A GRAÇA, A MALEABILIDADE E A ALEGRIA – UMA CONVERSA SOBRE O ENVELHECIMENTO COM MARIA CECÍLIA ALMEIDA E SILVA

Pedro: Me parece inevitável que uma conversa sobre envelhecimento não trate também sobre memória. Afinal, envelhecer envolve a acumulação de lembranças. Então, sem tentar fugir desse parentesco, gostaria de te provocar a pensar como, seja em lembranças próximas ou longínquas, os temas do envelhecimento e da morte surgiram para você.

Maria Cecília: Para início de conversa, eu não sei porque eu disse que queria falar de velhice. Talvez porque eu nunca tenha pensado muito sobre isso. Mas para responder a essa provocação inicial, vou ter que voltar bem atrás. Eu tive uma infância e adolescência em que vivi um período enorme de eternidade. Era um tempo aqui, muito feliz, que não tinha futuro. Era um tempo fixado em um eterno agora, agora esse que me nutriu para o resto da vida. Eu tive a sorte de ter pai, mãe, avô, avó. Todos, inclusive, convivendo na mesma casa, com muitos irmãos. Não havia propriamente programas. A gente brincava num grande jardim, e lógico que tinha escola, mas toda essa parte mais séria da vida era secundária. Eram momentos felizes, porque ninguém morria, e não havia ameaça de morte, já que ninguém era propriamente doente.

Pedro: Isso me faz pensar na vivência de um espaço ainda não ameaçado pela dimensão destrutiva da existência. A experiência de uma temporalidade plena, sem a marca negativa do tempo. Você se lembra da primeira experiência com a morte? Ou quando descobriu que as coisas não permanecem para sempre?

Maria Cecília: Então, eu tinha uma bisavó que morreu quando eu tinha cinco anos. Ela era muito querida, mas não se incluía muito no grupo, mesmo morando com a gente. Ela ficava num quarto separado. A gente visitava e conversava com ela. Era muito carinhosa, mas ainda ali não foi uma grande perda.

Pedro: E como chegou para você a notícia sobre o falecimento de sua bisavó? Imagino que alguém te deu uma explicação tentando te consolar.

Maria Cecília: Bem em primeiro lugar, nunca inventaram que aquele que morria virava estrela, isso nunca aconteceu. Diziam que foi para o céu. Quando a minha bisavó morreu,

não me contaram logo. Acho que me disseram uns dois dias depois. É incrível pensar que, mesmo morando na mesma casa, eu não percebi que ela tinha morrido, porque era proibido morrer naquela época. Disseram que ela tinha ido para o céu. E pronto.

Pedro: Você falou desse momento da infância, mas sua percepção sobre o envelhecimento mudou ao longo dos anos? Houve momentos em que envelhecer se tornou uma questão?

Maria Cecília: Não sei, nunca pensei nisso. Acho que havia constatações. Eu não me preparava para nada. Eu sempre fui surpreendida pela vida. É curioso porque não me preparei para a adolescência. Aí aconteceu. Eu não estava preparada. Nunca houve uma preparação.

Pedro: Mas em algum momento o envelhecimento certamente se tornou concreto para você. Foi como uma dessas constatações repentinas, como na adolescência? Pelo que você acaba de dizer, imagino que isso tenha acontecido como uma surpresa. Você se lembra, em seu corpo, da primeira marca de que o envelhecimento estava chegando?

Maria Cecília: Bem, essa primeira marca da velhice foi uma vez que eu tinha uma casa em Angra dos Reis. E no banheiro, tinha um espelho muito grande. Eu sempre me via nele jovem, de biquini. Essa era a imagem que esse espelho reproduzia. E aí, quando eu voltei lá, anos depois, olhei para esse mesmo espelho e disse “sinceramente, quem é essa velha aqui dentro?”. Porque o espelho sempre tinha me mostrado uma coisa completamente diferente. A lembrança não combinava com aquele espelho. Mas é uma fração de segundo. Me marcou, sabe? Mas por outro lado, não fiquei pensando. Foi apenas um susto. Como eu disse, eu não me preparei, a minha vida é muito de sustos. E de surpresas.

Pedro: Mas foi um susto que gerou uma crise?

Maria Cecília: Não sei se teve uma crise. Bom, para mim, tem que ter muita prova para eu me convencer de que estou velha. Uma das coisas é que eu canto menos. Eu sempre cantei muito. Eu cantei a vida inteira. Eu acordava cantando, dormia cantando. Eu sempre gostei de tudo que é vida. Tudo que é normal da vida. Mas aí o contexto vai te mostrando que você está velha. Você não consegue dançar uma noite inteira, por exemplo.

Pedro: E quando essas limitações vão surgindo, o que elas despertam em você? Resignação? Desapontamento?

Maria Cecília: Acho que vão acabar. Isso é uma coisa incrível! Eu acho que vou ficar magra, vou fazer ginástica e conseguir ficar leve. Vou voltar a dançar.

Pedro: E houve algum momento que você finalmente se convenceu de que a velhice estava instalada?

Maria Cecília: A partir de certo momento, passei a considerar que a entrada na velhice é um ponto final de uma determinada viagem. Mas não é o início de uma nova fase. Acho que, mais do que uma nova vida, a velhice traz uma vida a mais. E não é um recomeço, porque não voltamos a uma tábua rasa – já carregamos marcas que podem ser eliminadas. Então, de novo, eu insisto: não se trata de um recomeço, mas de um começo. E o cerne desse começo tem ressonâncias bem complicadas.

Pedro: Isso é incrível. Você diz que a velhice não é um recomeço, mas um início. O que distingue esses dois movimentos para você? O que torna esse início distinto de um simples recomeçar?

Maria Cecília: Porque, no momento em que você entra na velhice, você entra em um outro estado. E, como na adolescência, esse estado exige uma nova identidade. Você traz uma bagagem que não é a de um tempo perdido. Pelo contrário, ela te fomenta, porque, de certa forma, ela te constitui, mas te constitui como semente. Ela está ali, mas o que nasce a partir dela é algo novo.

Então, nesse começo, você tem que descobrir qual a sua identidade nesse país estrangeiro. E por que um país estrangeiro? Porque sua identidade será diferente. E essa identidade precisa vir de dentro. Não basta dizer “agora eu vou ser uma pessoa alegríssima”. Quer dizer, onde pode se ancorar essa busca por identidade? Acho que essa nova identidade se ancora numa graça. Assim como há o estado de sítio ou o estado de coma, há o estado de graça. Esse estado de graça, claro, tem ressonâncias espirituais e religiosas, mas, acima de tudo, é um estado de leveza, de graciosidade, de tudo o que você pode tirar desse conceito de graça. É uma graça e leveza porque é a nova identidade. Você se desprende de coisas que para essa nova identidade não tem mais valor.

Pedro: É impressionante você associar esse momento da vida com graça e leveza, porque geralmente ocorre o contrário. Você acha que essa graça é algo interno? Ou ela transita por vários lugares?

Maria Cecília: Um dos fomentos para essa graça é a música. Inclusive ela passa a ser ouvida com mais intensidade, é possível aprender mais com ela. E da mesma maneira, eu diria, a arte, a filosofia, e, sobretudo, a solidão. Porém, não é uma solidão de quem sobrou, e sim uma solidão que vem dessa graça. E a alegria, que também vem com essa graça, não é algo conquistado. Eu acho que ela vem como um acréscimo, que pode vir ou não. E não significa que esse estado de graça esteja isento de sofrimento, não tenha impasses, dúvidas. Pelo contrário, ele coexiste com a incerteza, porque essa graça também é entrega.

Pedro: Como você acha que aconteceu a entrada nessa nova vida? Foi uma ruptura visível ou algo, que quando você percebeu, você já estava nela?

Maria Cecília: Você se percebe velha pela maneira que os outros te tratam. Se eu estivesse sozinha, eu diria “eu tenho 20 anos”. Mas o externo te coloca nesse lugar. E então surge a pergunta: “quem sou eu nessa nova identidade?”. E o que sustenta essa travessia? Para mim, essa nova vida pode ser navegada tendo a graça como base.

Pedro: Achei linda essa ideia de uma reelaboração interna a partir de algo que chega de fora. Mas, indo além disso, quando você se pergunta “quem sou eu nessa nova identidade”, o que você pode citar como uma descoberta positiva nessa nova vida?

Maria Cecília: O que a velhice dá de positivo é que você perde as certezas. Isso eu acho muito legal. Eu era a pessoa que tinha mais certezas. Em geral, o adolescente começa com dúvidas e depois vai crescendo, justificando essas dúvidas. Então, hoje em dia, eu tenho dúvidas, eu tenho convicções que me fazem lutar pelo que eu acredito, mas não tenho certeza de coisíssima alguma.

Pedro: Já que você mencionou essa virada, gostaria de explorar mais essa ideia. Quais você considera serem as potências do envelhecimento?

Maria Cecília: A potência do envelhecimento é a alegria. Não é alegria do bobo alegre, mas uma alegria muito mais profunda. É uma força vital. Já estou instalada na velhice, mas conservo a alegria. O que eu busco é realmente ter maleabilidade. É essa possibilidade de encontrar uma terceira margem. Eu acho que é isso. Outra potência é você ser engraçado e achar graça nas coisas. Essa expressão que, em português chamam de coisa “cheia de graça” e que eu acabei de falar sobre o que sustenta a travessia dessa vida a mais. Eu adoro achar graça. Eu acho graça das coisas e me acho engraçada. Já fui mais. Porém, aos olhares externos, você é engraçado jovem. Depois, quando envelhece, você é gagá. É uma velha gagá. Eu tenho dificuldade de conversar esses assuntos de doença. O velho quando se junta é uma tragédia. Todo mundo tem doença. Conta as doenças, os mortos. Eu acho detestável. Ou começam a dizer que velhice é uma maravilha. Não é uma maravilha.

Pedro: Acho que é preciso achar um ponto de equilíbrio entre aquilo que a velhice impõe como um peso e suas potências, certo? Sem cair na armadilha de idealizá-la.

Maria Cecília: Sim, a velhice idealizada, que se torna o lugar da pura sapiência. Não é.

Pedro: Mas e quanto aos desafios? Acho que você já começou a falar um pouco disso.

Maria Cecília: Um dos problemas da velhice é a perda dos amigos da mesma idade. As pessoas vão ficando diferentes. Vão se perdendo, e isso é triste. Outro desafio é encontrar pessoas que falem a mesma língua que você sem grandes explicações. E isso independente da idade. Eu acho esse convívio cheio de explicações chatérrimo. Gosto de quem sabe compartilhar o silêncio, de não saber o que o outro vai dizer e ser surpreendida por uma fala inesperada.

Pedro: A melhor coisa é encontrar pessoas com quem temos uma simpatia de presença, certo? Nesse caso, tanto o diálogo quanto o silêncio ganham um peso diferente – preenchem, criam sentido. Esses encontros inclusive ajudam a nos construir.

Maria Cecília: Essa simpatia e esse silêncio juntos, que são silêncios eloquentes, a arte traz também.

Pedro: Sem dúvida que sim! E que bom, certo? Porque, já que esses encontros são raros, ao menos a arte nos permite ampliá-los. E mudando um pouco o assunto, tem um traço que eu noto em muitas pessoas mais velhas, mas que você não me parece ter. São aquelas pessoas que, na medida em que a vida avança, ficam presas ao que não aconteceu. Como você lida com isso – o que poderia ter sido e não foi?

Maria Cecília: É, tem muita coisa que poderia ter sido e não foi, mas elas surgem de outra maneira. Não aconteceu assim, mas pode acontecer de outro jeito. E isso, por exemplo, no meu trabalho aqui no Pró-Saber, eu percebo o tempo todo. Às vezes pensamos: “deveria ter sido de tal forma”, mas depois acabamos descobrindo que, na verdade, ainda bem que não foi, porque surge de outra maneira.

Pedro: Você reconhece isso em algumas pessoas, que falam do passado menos como nostalgia e mais com o peso da não aceitação?

Maria Cecília: Reconheço, claro! E isso gera amargor.

Pedro: Gera, e acaba virando uma prisão. A pessoa se torna refém do próprio passado. Acho isso ao mesmo tempo triste e perigoso – para ela mesma e para quem convive com ela. Essa retomada constante do passado acaba virando uma ruminação estéril. Como você mencionou, coisas que não foram podem surgir de outras maneiras, mas é preciso também permanecer aberto a essas novas possibilidades.

Maria Cecília: Pois é, mas, por outro lado, percebo que as pessoas com quem tenho mais afinidade são, de certa forma, pessoas exiladas. Elas não são homeostáticas com o ambiente. Não se acomodam, não cedem a determinadas coisas. Mas isso não significa que sejam amargas, pelo contrário. São pessoas peregrinas – não estão instaladas em lugar nenhum. E quando encontro alguém assim, é um prazer enorme. Se você cruza com um grupo que fala a mesma língua, é como se você estivesse chegasse numa pátria comum.

Pedro: É verdade. E é uma coisa que não tem muito explicação. Você consegue explicar? É um mistério. Por que você se sente conectado a tal pessoa? Não dá para forçar, não dá para prever. Simplesmente acontece.

Maria Cecília: E dá uma confiança, uma entrega, uma coisa incrível. Tem pessoas que você conhece há pouquíssimo tempo e é como se você conhecesse a vida inteira. E a gente não sabe o porquê. Esses mistérios me encantam.

Pedro: Ainda mais misterioso é a imprevisibilidade dessa conexão. Durante toda a vida esse reconhecimento mútuo já é raro, e talvez com o envelhecimento, isso se torne ainda mais difícil, não? Afinal, os velhos costumam ser menos notados, menos reconhecidos.

Maria Cecília: O olhar das pessoas sobre os velhos, eu acho que é um medo do que eles vão ser. Você não acha?

Pedro: Já olham pouco, não é? E quando olham, muitas vezes é a partir de uma ótica egoísta, “presta atenção, porque um dia você também vai ficar assim” – não por um interesse genuíno, mas por um medo projetado. E existiria algum antídoto para isso?

Maria Cecília: É ter uma atitude que não seja de comiseração. É respeitar o velho como uma pessoa, um ser humano. Porque, na realidade, o velho perde, de certa forma, a personalidade. E isso a gente percebe até dentro da própria família. Quando você é mais moça, tem o papel central, é protagonista. Eu estou falando em termos de teatro. Depois, passa a ser coadjuvante – você não está mais no centro, mas ainda tem voz ativa. Mais adiante, passa a ser espectador, ou figurante. E, por fim, não é mais coisa nenhuma. Se torna aquela pessoa que, do escuro, ilumina a plateia, sem influência alguma. É um negócio impressionante. É como se o velho precisasse ser apagado para que os outros apareçam. Passa a ser uma categoria, ao qual se aplica automaticamente o princípio “todos os velhos merecem respeito”, mas sem que se olhe para cada um deles, porque eles perdem a essência e a personalidade. O mesmo acontece com as crianças.

Pedro: Então, nesse ponto, a sua experiência com o envelhecimento toca também no seu trabalho com Educação, no caso das crianças, certo?

Maria Cecília: Exato! O velho se torna uma coisa meio amorfa, uma figura genérica. Então, é uma velha que a gente tem que respeitar, simplesmente porque ela é velha. Mas, por trás disso, há uma despersonalização. O mesmo acontece com as crianças. Elas são todas diferentes, mas são tratadas como iguais. Então, um dos objetivos da Educação é recuperar a singularidade da criança por trás da categoria homogênea em que foram colocadas.

Pedro: Mas por mais que você tenha dito inicialmente que não pensa muito sobre envelhecimento, eu tenho certeza que muita gente te coloca nesse lugar.

Maria Cecília: Claro, muita gente não, todo mundo!

Pedro: E você acha que a colocação da etiqueta da velhice acontece da mesma forma em todo lugar?

Maria Cecília: Acho que depende do ambiente. A coisa mais importante para mim é a família. Minha mãe foi o meu primeiro grande amor e minha mestra extraordinária. Não tenho dúvidas. A maternidade tem para mim uma força imensa – inclusive na maneira de pensar, nas estruturas de pensamento. É algo que vai além da casa; é um modo de estar no mundo ligado ao cuidado. Mas em todo lugar há uma característica semelhante, que é justamente essa despersonalização. Você perde a identidade e vira uma vovó. Engraçado, que, com os amigos, isso acontece menos.

Pedro: O amigo, justamente, não se relaciona a partir dessa categoria generalizante.

Maria Cecília: Não, ele continua te tratando como uma pessoa. De certa forma, um dos refúgios para a despersonalização são os amigos. Eles te entendem. Amigos de verdade, que são pouquíssimos. Já o trabalho interno é você buscar não perder a sua essência. E não tentar se adaptar ao que os outros esperam que você seja. Acho muito importante que você não se adapte para ser mais aceita.

Pedro: E falando nessa relação entre vida interior e exterior, queria retomar aquele tema inicial da memória. Você sentiu haver mudanças nas formas como você experimentou suas recordações?

Maria Cecília: “Não sei se era infeliz? Não sei: Fui-o outrora agora”, invertendo Fernando Pessoa.¹ Digo isso porque acho interessante como muitas coisas voltam evocando sentimentos completamente diferentes. Tem coisas que você não percebe como tristes na época em que aconteceram. Mas, ao lembrá-las, elas reaparecem como momentos marcantes e tristes. Então, são vivências que, dependendo do temperamento, você vai aos solavancos deixando de sofrer naquele momento, vai se defendendo, mas aí volta.

Pedro: E as lembranças voltam geralmente com um tom triste?

Maria Cecília: As lembranças voltam diferentes, e tem memórias boas também. Algumas incríveis, maravilhosas. Sobretudo em relação à natureza, mar. Eu sempre gostei muito de mar, terra, toda essa pujança da natureza. E continuo gostando. Eu pareço uma pessoa agitada, mas tenho muita capacidade de contemplação. Por exemplo, eu posso ficar uma noite inteira olhando estrelas. Como eu disse no início da nossa conversa, sempre tive esses instantes de eternidade. Quem me vê em meio a toda a agitação do trabalho talvez não imagine isso.

Pedro: E sobre trabalhar, é bacana você ainda encarar isso como algo importante. O que te move a continuar trabalhando?

¹ O original diz “Não sei se era feliz? Não sei: Fui-o outrora agora”.

Maria Cecília: Respondendo de uma maneira bem direta: porque eu gosto. Acho que as coisas vão dando certo. O Pró-Saber é um milagre. Esse lugar completar 40 anos, assim como a faculdade fazer 20 anos, não é brincadeira. Não é uma onda. E acho que tem ainda muito mais coisa para fazer. Acho que precisa ter cada vez mais estudo, mais profundidade, mais arte. Os professores têm que manter a curiosidade.

Pedro: Têm que manter acesa a chama, sem dúvidas. E você sente que essa energia que vem do Pró-Saber se reflete em outras áreas da sua vida? Ou para finalizar, como essa chama que anima o Pró-Saber se encontra com o seu momento de vida, o da travessia da velhice impulsionada pelos ares da graça, como você mencionou acima?

Maria Cecília: Acho que grande parte dessa chama se alinha àquilo que encontrei em um texto do Chateaubriand. Em uma tradução aproximada, ele diz assim: “Inutilmente eu envelheço; eu sonho ainda mil quimeras. A energia da minha natureza se alojou no fundo do meu ser; os anos, em vez de me tornarem mais sensato, apenas expulsaram minha juventude exterior, fazendo-a recuar para dentro de mim”. Quer dizer, toda essa energia da minha natureza está na minha essência. Então os anos, em vez de me dominarem, apenas expulsaram essa minha força jovem para dentro de mim. Isso para mim é uma pura verdade. A minha força foi, de certa forma, enterrada, mas ela está na raiz, tornando a velhice um estado de graça.

² Trecho do livro *Mémoires d'outre-tombe*, de François-René de Chateaubriand. No original, em francês: “Inutilement je vieillis; je rêve encore mille chimères. L'énergie de ma nature s'est resserrée au fond de mon cœur ; les ans au lieu de m'assagir, n'ont réussi qu'à chasser ma jeunesse extérieure, à la faire rentrer dans mon sein”.